

# **VOZES DO CERCO. MODOS DE APROPRIAÇÃO, SIMBOLOGIAS E IDENTIDADES CULTURAIS FACE AO ESPAÇO HABITADO**

**VOICES FROM THE CERCO. MODES OF APPROPRIATION, SYMBOLOGIES AND CULTURAL IDENTITIES IN RELATION TO INHABITED SPACE**

**DES VOIX DU CERCO. MODES D'APPROPRIATION, SYMBOLOGIES ET IDENTITÉS CULTURELLES EN RELATION AVEC L'ESPACE HABITÉ**

**VOCES DEL CERCO. MODOS DE APROPRIACIÓN, SIMBOLOGIAS E IDENTIDADES CULTURALES FRENTE AL ESPACIO HABITADO**

## **Sofia Sousa**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Porto, Portugal

**RESUMO:** A análise desenvolvida tem como base o pressuposto de que viver, habitar e usufruir de um espaço tem um impacto significativo nas trajetórias, rumos e identidades pessoais e coletivas. Atendendo ao facto dos bairros sociais periféricos possuírem condições específicas, singulares e identificativas, procuramos compreender qual a extensão da influência (ou ausência dela) dos processos de exclusão social nas histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco. Assim, será possível estabelecer uma caracterização e mapear um segmento populacional, nomeadamente as mulheres desse território? E ainda, como será que estas se auto representam e são representadas por outros? Estes são alguns pontos basilares da pesquisa, bem como a noção da necessidade de auscultação das populações como elemento fulcral na intervenção.

**Palavras-chave:** exclusão social, identidades, mulheres, bairro.

**ABSTRACT:** The analysis developed is based on the assumption that living, inhabiting and enjoying a space implies an impact on trajectories, directions, and personal and collective identities. Given the fact that peripheral social housing districts have specific, unique and identifiable conditions, we tried to understand the extent of the influence (or lack thereof) of the processes of social exclusion in the life histories of women in the neighbourhood of Cerco. So will it be possible to establish characterization and map a population segment, namely the women in that territory? And yet, how are they represented by others and how do they represent themselves? These are some of the base points of the research, as well as the notion of the need for auscultation of the populations as a central element in the intervention.

**Keywords:** social exclusion, identities, women, neighbourhood.

**RÉSUMÉ:** L'analyse développée est basée sur l'hypothèse que vivre, habiter et jouir d'un espace implique un impact sur les trajectoires, les directions et les identités personnelles et collectives. Étant donné que les districts sociaux périphériques présentent des conditions spécifiques, uniques et identifiables, nous essayons de comprendre l'ampleur de l'influence (ou de l'absence d'influence) des processus d'exclusion sociale dans les histoires de vie des femmes du quartier du Cerco. Sera-t-il possible d'établir une caractérisation et de cartographier un segment de la population, à savoir les femmes de ce territoire? Et pourtant, comment se représentent-elles? Ce sont quelques points de base de la recherche, ainsi que la notion de la nécessité de l'auscultation des populations en tant qu'élément central de l'intervention.

**Mots-clés:** exclusion sociale, identités, femmes, quartier.

**RESUMEN:** El análisis desarrollado tiene como base el supuesto de que vivir, habitar y disfrutar de un espacio implica un impacto en las trayectorias, rumbos e identidades personales y colectivas. En vista de que los barrios sociales periféricos tienen condiciones específicas, singulares e

identificativas, buscamos comprender cuál es la extensión de la influencia (o ausencia de ella) de los procesos de exclusión social en las historias de vida de las mujeres del Barrio del Cerco. Así, ¿será posible establecer una caracterización y asignar un segmento de población, en particular las mujeres de ese territorio? Y además, ¿Cómo se representan? Estos son algunos puntos básicos de la investigación, así como la noción de la necesidad de auscultación de las poblaciones como elemento clave en la intervención.

**Palabras-clave:** exclusión social, identidades, mujeres, barrio.

## 1. Abertura

Inúmeros trabalhos têm sido feitos enquadrando-se na temática da habitação de cariz social em Portugal. Porém, poucos são aqueles que através das suas descobertas, conhecimentos e contacto com os intervenientes desta trama social, conseguiram impactar o território propriamente dito e suas dinâmicas de mudança social. Aquele que foi o nosso objeto de estudo - o Bairro do Cerco do Porto<sup>56</sup> - permanece, desde os primórdios da sua inauguração, como um espaço de incertezas e medos, onde impera a pobreza, o estigma e a exclusão social (Cfr. Guerra, 2002a, 2002b). Mantendo em mente estas características face ao território, tivemos como objetivo e interesse central a perceção do papel das mulheres desse bairro<sup>57</sup>, as suas preocupações, sentimentos, afetos e simbologias. A escassez de produções científicas que interliguem reflexões direcionadas para o papel que estas mulheres ocupam, obtendo cruzamentos com a importância e respetiva localização sócio espacial, foi na verdade um dos principais motivos para a elaboração desta investigação, além de outras motivações de índole social como as adversidades que estas enfrentam no acesso a infraestruturas, as implicações que o espaço físico possui em termos de empregabilidade e os rótulos sociais profundos de perpetuação da estigmatização e preconceito.

Aqui o conceito e a noção de exclusão social surge de forma inevitável dado as características do bairro e a sua localização periférica. Contudo, não devemos deixar de realçar a procura de uma compreensão dos papéis socialmente atribuídos e se, porventura, estes se metamorfosearam aquando de uma perspetiva ligada a um contexto territorial específico. Então seria importante perceber e captar as formas destes, quando se inscrevem nos modos de vida de e num bairro social, nas suas representações, afetos e simbologias procurando verificar uma perpetuação destes papéis na trajetória familiar das entrevistadas ou se se verificou uma rutura. O contexto histórico de uma ditadura, no caso português, torna-se o ponto base para esta compreensão, uma vez que “o papel que a mulher teve/tem na sociedade portuguesa e que cristaliza comportamentos e atitudes que prefiguram a mulher no espaço doméstico, na condição de namorada/mãe/esposa” (Guerra *et al.*, 2017: 22).

---

<sup>56</sup> O Bairro do Cerco do Porto é um bairro portuense de habitação social situado entre as ruas de Vila Nova de Foz Côa, do Peso da Régua e a Estrada da Circunvalação, pertencendo à freguesia de Campanhã, na parte oriental da cidade, atravessado pelas ruas do Cerco do Porto, rua d'Alijó e de Santa Marta de Penaguião. O Bairro do Cerco foi contruído ao abrigo do Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto 1956-66. O Bairro foi inaugurado no ano de 1963, sendo que à data era composto por 804 fogos (32 blocos de habitação plurifamiliar). Uma ampliação efetuada no ano de 1991 aumentou dos então 32 blocos para os atuais 34 blocos de habitação coletiva passando a constar de 888 fogos.

<sup>57</sup> Tal decisão é sustentada pelos dados referentes aos Censos de 2011 em que foi feito um cruzamento entre a varável género e a população residente em valores absolutos, sendo que na Freguesia de Campanhã, onde se insere o Bairro do Cerco do Porto, o valor total de mulheres residentes seria de 17 529 e os homens apresentavam um valor de 15 130. Este aspeto também foi verificado noutras freguesias com elevados números de habitações de carácter social, tais como Ramalde, Paranhos ou Lordelo do Ouro.

Procurando perspetivar, de forma geral, as histórias de vida e sentimentos de pertença das mulheres do Bairro do Cerco do Porto<sup>58</sup>, consideramos relevante apresentar respostas ou breves demonstrações das vivências quotidianas dessas mulheres como processos estruturais de vivência num contexto de exclusão. De igual modo, patentear as histórias, percursos e formas de enfrentamento de segregação e estigma, compreender o papel dos média neste espectro e, inclusive, todas as questões habitacionais, conjunturas económicas, políticas e sociais que determinam e influenciam o gosto pelo espaço de residência, modos de usufruição e apropriação.

O Bairro do Cerco do Porto já foi bastante trabalhado em termos de produção científica relativa ao espaço físico, os seus problemas sociais entre outras questões, aspeto que dificultou a nossa abordagem e aproximação a estas mulheres. Decidimos, dada a especificidade dos nossos objetivos, optar por uma metodologia qualitativa aplicando entrevistas semiestruturadas ao nível das biografias/histórias de vida a 20 mulheres. Da nossa amostra inicial, apenas conseguimos entrevistar nove mulheres com idades entre os 30 e os 50 anos, visto que a maioria dos contactos que tínhamos estabelecido recusou a entrevista posteriormente. Atendendo a estes aspetos, optamos por não modificar a nossa metodologia considerando que estes mesmos entraves, também eles, revelam e demonstram outras dimensões analíticas. O que se decidiu foi introduzir e utilizar outras técnicas de recolha e análise de informação significativas tais como a cartografia temática ou a análise dos discursos mediáticos.

## **2. Bairro de vidas**

Como já foi mencionado, decidimos optar por uma metodologia de carácter qualitativo, pelo que procedemos à realização de registos de observação direta<sup>59</sup> que contribuiriam para uma familiarização com o espaço físico, mas também para tentarmos definir algumas considerações acerca dos comportamentos das mulheres do bairro, modos de apropriação e de usufruição do mesmo, as suas relações interpessoais e modos de lazer. Estas observações foram posteriormente mapeadas com o intuito de permitir que o leitor possua um suporte visual e demonstrativo daquilo que foi experienciado<sup>60</sup> por nós, enquanto investigadores, no terreno (Figura 1).

---

<sup>58</sup> Este registo de pesquisa decorre da realização de uma investigação conducente ao Mestrado de Sociologia por parte da autora (Sousa, 2018).

<sup>59</sup> Nestes registos de observação direta e incursões ao terreno, devemos mencionar que os mesmos não se circunscreveram aos 34 blocos que compõem o Bairro do Cerco do Porto, mas também espaços circundantes como o Ilhéu ou a zona de Pêgo Negro, tal opção foi feita pois consideramos que o espaço não poderia ser “dividido” de forma tão rígida e que tal aspeto teria implicações nos dados que poderiam ser obtidos.

Tendo em linha de conta uma análise que se centra na variável género, foi-nos possível verificar uma predominância espacial do género feminino em volta do bairro, sendo que nas zonas centrais do mesmo verificava-se uma presença maioritária do género masculino. Para tal aspeto destacamos a concentração e a relação deste fenómeno com a localização dos serviços como os cafés, mercearia e cabeleireiro. A escola representa também aqui um papel importante, uma vez que nas observações efetuadas eram as mulheres que acompanhavam as crianças à escola e que as traziam, acontecendo o mesmo na zona vizinha de Pêgo Negro devido à presença do Clube de Atividades de Tempos Livres.

As mulheres faziam trajetos curtos, sendo que vinham acompanhadas de crianças pela rua e outras saíam do IEPF [...] aferimos que estas vinham buscar os filhos à escola e outras iam levá-los ao CATL. Ainda de destacar que as que saíam do IEPF dirigiam-se diretamente para a paragem do autocarro [...] não circulavam pelo bairro. (Excerto do diário de campo do dia 20 de março de 2018).

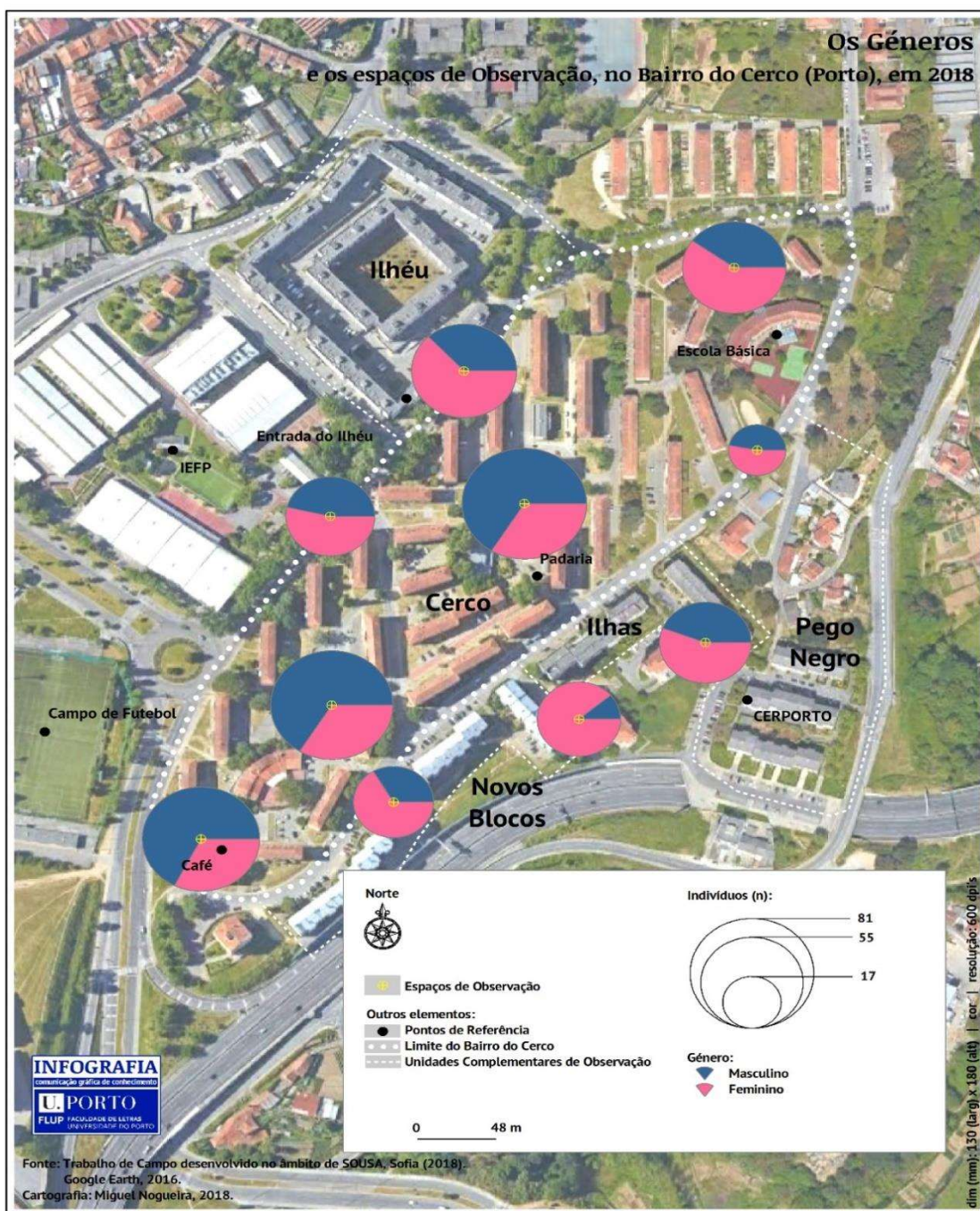


Figura 1. As representações de género nos espaços de observação no Bairro do Cerco (Porto), em 2018

Fonte: Elaboração própria.

A predominância das mulheres no Ilhéu – outro aglomerado nas imediações do Cerco - também pode, em certa parte, estar relacionada com o supermercado que se encontra no seu interior e até mesmo porque as ruas que circundam o Bairro do Cerco e os seus blocos serem consideradas como as zonas mais calmas, atendendo que o centro do Bairro seria o mais problemático. No que diz respeito aos comportamentos observados, podemos aferir que a maioria das mulheres foram observadas a conversar (114 registos) em pares ou em grupos pequenos de no máximo três mulheres, nunca tendo sido verificadas conversas entre homens e

mulheres o que nos fez constatar a existência de um conservadorismo de segmentação por géneros na sociedade portuguesa que se traduz nas próprias interações quotidianas mais elementares (Guerra *et al.*, 2017: 25), fruto de ideais promovidos pelo Estado Novo. Ou seja, a perpetuação de estereótipos em que as mulheres são responsáveis pelas tarefas domésticas, tendo como exemplo estarem a estender roupa (15 registos), ou estarem a limpar as entradas dos blocos por exemplo (6 registos), ao passo que os homens são os líderes e porta-vozes de atividades desenvolvidas na esfera pública da casa. Além destas considerações acerca dos comportamentos, acabamos por ter um vislumbre dos espaços de sociabilidade das mulheres do Bairro do Cerco do Porto, sendo de destacar os blocos habitacionais, as ruas ou os supermercados, por oposição aos cafés maioritariamente frequentados pelos homens.

No caso dos homens, verificamos que a maioria dos comportamentos estavam relacionados com o ato de conversar (114 registos). Porém, em grupos de grande dimensão, principalmente verificável junto do café. Em comportamentos como fumar observamos uma disparidade abismal dos número registado para os homens (59 registos) em comparação com as mulheres (10 registos), enquanto – e aqui é o ponto principal – não foram verificados homens a limpar e apenas alguns a estender a roupa, sendo esses mesmos idosos e não homens mais jovens, demonstrando ainda uma predominância de tarefas que são associadas às mulheres e que recaem sobre elas, prefigurando a ideia da mulher no espaço doméstico como dona de casa (Guerra *et al.*, 2017), permanecendo os rótulos, estereotipagens e dominações simbólicas.

Dado que estes registos de observação implicavam a ida e presença no terreno, não podemos aqui descurar o papel que os meios de comunicação social possuem na perpetuação do estigma e, acima disso, dos sentimentos de insegurança face a esse mesmo espaço. Reconhecemos as particularidades do território principalmente no que concerne o consumo e venda de substâncias psicoativas, aspeto esse que cria barreiras e causa desconforto aquando da ida ao bairro, a esse nível o que pretendemos ressaltar é que de facto os órgãos de comunicação social possuem um papel fulcral quer seja pela dimensão da notícia, pela exposição do conteúdo e pela regularidade com que se fala ou não do bairro. Neste campo, e recorrendo à nossa análise de 57 notícias no jornal *Público* referentes ao Bairro do Cerco (desde janeiro de 2012 a setembro de 2017) e posterior categorização, aferimos que as notícias de dimensão média (até duas páginas) possuem uma representatividade de 46%. Porém, de acordo com a nossa categoria inerente a temas como a violência no bairro e outros delitos, apesar destas serem de dimensão pequena, com extensão máxima de uma página, ou breves (dois a três parágrafos), encontram-se presentes praticamente em todos os anos analisados, algo que faz

questionar até que ponto tal aspeto pode influenciar os sentimentos de segurança face a este espaço.

### 3. As vozes do Bairro

Relativamente à análise dos discursos das nossas entrevistadas<sup>61</sup>, a primeira hipótese enunciada encontrava-se relacionada com a forma como os discursos dos meios de comunicação social contribuem para os processos de vivência no Bairro do Cerco, bem como para a perpetuação de sentimentos de insegurança face a este território, aspeto esse supramencionado. Com efeito, quando questionadas sobre o facto de os discursos dos meios de comunicação social corresponderem à realidade vivenciada no Bairro do Cerco, todas elas afirmaram que os média possuem um papel naquilo que é a perpetuação de sentimentos de insegurança, ponto este que nos remeteu para a presença de temáticas relacionadas com a violência como já aqui abordamos, pois

Muitas coisas que se passavam que nem era aqui e metiam logo que era no Cerco do Porto [...] para mim até é mais grave aquele caso do Pedro Dias que nem é daqui nem é nada e para mim é pior aquilo que ele fez [...] depois é abafado e no Cerco é falado para a vida inteira [...] um homicídio aqui no bairro nunca mais de calavam... (Entrevista 2, Cerco do Porto).

Por outro lado, devemos destacar iniciativas de carácter positivo em termos de exposição do conteúdo dos média, no mesmo jornal em causa, nomeadamente os *podcast* do género, um deles abordado aqui. Em suma, podemos atestar que de facto os meios de comunicação social possuem impacto nas percepções dos indivíduos sobre os territórios, principalmente no que concerne os bairros sociais. De acordo com as opiniões das mulheres entrevistadas, as notícias são um elemento central para a perpetuação do estigma, porém devendo ressaltar as iniciativas positivas que têm vindo a ser feitas como a do *podcast* do género ou importância de outro tipo de conteúdo associado a iniciativas culturais ou intervenções políticas.

Outra questão relacionava-se com os discursos e sentimentos de segregação, estigma e exclusão de indivíduos exteriores ao bairro, em que medida estes possuem um impacto nas histórias, percursos e modos de vida das mulheres. O que prendíamos era testar as formas de hétero exclusão, isto é, perceber até que ponto as opiniões de quem não vive no bairro interferem com os modos de vida, sentimentos e histórias destas mulheres do Bairro do Cerco. Um dos principais pontos em que estes sentimentos e possíveis constrangimentos surgiam e se assumiam como essenciais, encontravam-se inseridos na problemática do mercado de trabalho, ou seja, as dificuldades que as mulheres e suas famílias sentiam, constrangimentos e consequências,

---

<sup>61</sup> No que diz respeito à análise do discurso das nove mulheres entrevistadas, procuramos o auxílio do programa NVivo, permitindo correlações e cruzamentos de variáveis.



Mas agora se calhar...sim...se fosse agora por exemplo eu não dizia que vivia no Cerco...com muita pena minha...mas dizia que vivia na rua etc., etc., etc...diretamente não...parece que nos excluem (Entrevista 4, Cerco do Porto).

Deste modo, consideramos pertinente interligar as referências à hetero exclusão como já abordamos, mas também as representações do bairro pelo Outro e ainda, a vivência da exclusão social *no* e *do* bairro, com o objetivo de compreender até que ponto falar de uma implica ou refere a menção a outra (Tabela 1). Deste modo, devemos mencionar que as representações do bairro pelo outro, com 23 referências, também se relacionam e convivem com a exclusão social e seus processos de vivência – 13 referências – ao nível dos discursos e pensamentos das mulheres do Bairro do Cerco. Ainda nos dias que correm, o bairro permanece um lugar estigmatizado e excluído por quem não vive lá, não o vivencia nem experiencia. O que nos permite atestar e comprovar de modo empírico aquilo que Levitas (1998) afirma no que diz respeito à divisão dos indivíduos em dois grupos, pois os excluídos são os moradores do Bairro do Cerco e os restantes os não moradores e, muitas vezes, portadores do estigma, apesar de nos ter sido permitido aferir que também existe estigma e preconceito por parte de quem vive no bairro face a outros moradores. Polanyi (1944) atesta que a exclusão social persiste pelos indivíduos, nos seus comportamentos, atitudes, histórias e outros fatores, não apenas pelo local em que se encontram localizados. Ou seja, o problema persiste através da sociedade e, até que estas mentalidades se comecem a alterar e a modificar, tais sentimentos persistirão e continuarão a afetar quem reside e habita nestes territórios.

É assim...não é só o Cerco que tem problemas...bairros, prédios e cooperativas...as pessoas é que ficaram com aquela cisma e pronto...muita gente diz que às vezes não tem nada a ver porque quem mora no cerco e tal...mas não...continuam a ter aquilo...dizem, mas o pensar é diferente. (Entrevista 5, Cerco do Porto).

Subcategorias e número de referências		
Hetero-exclusão	Representações do bairro pelo Outro	Vivência da exclusão <i>no</i> e <i>do</i> bairro
17	15	12
15	23	13
12	13	24

Tabela 1. Referências a sentimentos de auto e hetero exclusão *no* e *do* Bairro do Cerco (Número).

Fonte: Elaboração própria.

Aqui surge a temática da autoexclusão, em que as próprias mulheres se autoexcluem, talvez devido ao facto de sentirem e presenciarem o estigma face aos bairros constantemente, o que a nosso ver poderá contribuir para a construção de uma identidade coletiva forte, uma fomentação sustentada ao longo do tempo *da* e *na* importância de inserção numa comunidade. Podemos então avançar com uma

análise relacionada com o facto de as conjunturas económicas, sociais e políticas se refletirem nas mudanças de identidade individuais das mulheres do Bairro do Cerco, mas, também, possuírem um impacto no que concerne as identidades coletivas, nomeadamente em alterações no sentimento de comunidade da população do Bairro do Cerco do Porto.

Ao nível das conjunturas económicas, não podemos deixar de destacar que oito das nove entrevistadas estavam desempregadas e recebiam ou já receberam em algum momento apoios financeiros do Estado, e ainda que todos os trabalhos que exerceram anteriormente à situação de desemprego eram trabalhos precários, sendo que tal poderá ser uma condicionante dos seus sonhos ou objetivos de vida, parte importante para a nossa análise. No que diz respeito ao âmbito político, é de mencionar também a fraca sensibilidade por parte de organismos de governância no que toca a problemática da representação de mulheres na tomada de decisões que envolvam o urbano, não havendo assim uma compreensão profunda das necessidades específicas existentes (Beall, 1996).

No decorrer das entrevistas, procuramos perceber os laçeres, as sociabilidades e os quotidianos destas mulheres, o que por sua vez, neste contexto se assumiu como a importância das representações e das simbologias dos modos de vida e das identidades, tendo-nos sido fornecida uma espécie de caracterização da “mulher de bairro”, vejamos o exemplo mais gritante:

Ó doutora vou ser sincera...a mulher de bairro é a que fica mais em casa, lava a roupa, faz o comer e o homem trabalha...a mulher de bairro também começa a ver os ambientes e tal...se calhar aquele dá dinheiro...leva mais depressa porrada do homem... (Entrevista 8, Cerco do Porto).

Neste caso referente às representações, as mulheres entrevistadas demarcavam a vivência no Bairro do Cerco face a outros contextos territoriais, atentamos a este exemplo:

Se a gente morar na Foz não vai bater à porta da vizinha ‘olhe um bocadinho de sal’ [...] aqui é o prato do dia, ‘dá aí umas batatas que me esqueci de comprar’ ... isso não acontece no meio da Foz, lá no meio do jet set...é o que eu acho. (Entrevista 8, Cerco do Porto).

Para uma compreensão em mais detalhe associada aos sentimentos de pertença, consideramos que seria determinante analisar as opiniões das mulheres entrevistadas sobre vários níveis, isto é, o bairro é composto por múltiplas esferas que, em conjunto, compõem o tecido espacial e social, sendo elas as habitações, os sentimentos e simbologias das mulheres para com o espaço, os espaços públicos e os serviços. São estes mesmos pontos que pretendemos aqui analisar. Aferimos que, no decorrer da entrevista, as mulheres sentiam-se muito mais à vontade

quando lhes era pedido para abordar aspetos físicos – tais como as habitações ou estado de conservação do bairro – do que partilhar histórias ou memórias face ao mesmo. Quanto aos sonhos e objetivos destas mulheres, no espectro habitacional, tal como no trabalho de Guerra (2002), verificamos o desejo de casa própria, visto que algumas das mulheres entrevistadas viviam no bairro com familiares. Contudo, a este nível não se revelou pertinente o desejo de mudança de local, tal aspeto prende-se com o número de anos que se encontram a viver no Cerco do Porto, algumas nasceram e cresceram ali.

Atendendo às aspirações profissionais, as respostas foram diversas, desde cabeleireiras, costureiras, cuidadora de crianças ou caixa de supermercado, destacando que apenas uma referiu que gostaria de ter sido advogada. Deste modo, apesar de não terem enaltecido sonhos em termos profissionais que necessitassem de uma formação superior, as mesmas demonstram que no que concerne os seus filhos, o desejo é completamente diferente. Por último, aquando do questionamento sobre os seus principais sonhos ou objetivos, as respostas estavam interligadas com as suas famílias, nomeadamente para os seus maridos ou filhos. Muitos outros aspetos poderiam ainda ser abordados, porém aqui reconhecemos os constrangimentos provenientes da nossa amostra de pequena dimensão.

Não tenho grandes sonhos, é ver os meus filhos crescer...nem tenho aquela coisa de viajar...tenho o meu emprego, talvez o sonho fosse ganhar mais...adoro os meus filhos e vai correndo tudo bem, é sempre o melhor para eles e é esse o meu sonho. (Entrevista 3, Cerco do Porto).

#### **4. Notas finais**

Remetendo aos contributos de Ascher (1998), no sentido de entendermos a cidade como complexa e não apenas como complicada, a mesma premissa pode ser aplicada ao caso de um estudo sobre as histórias de vida das mulheres do bairro do Cerco, uma vez que nos apercebemos das várias dimensões que jogam e se influenciam mutuamente, não só referentes ao ego como também às trajetórias familiares, que aqui representam um papel essencial.

É certo que reconhecemos que, por diversas circunstâncias, não conseguimos obter uma amostra com as dimensões pretendidas e que esse aspeto pode influenciar as nossas conclusões. Contudo, não devemos descreditar ou desvalorizar os testemunhos e discursos destas nove mulheres, pois também eles são importantes. Ora, a nosso entender, se as mulheres se mostravam fechadas, desconfiadas ou pouco recetivas para a participação no estudo, algum motivo estará subjacente, quer seja ele pela incerteza do futuro da investigação, isto é, aplicando a este caso os mesmos sentimentos e perceções inerentes às promessas de intervenção urbana por parte de órgãos administrativos e não cumprimento das

mesmas, quer pela simbologia que a participação no estudo acarretava dentro do bairro, uma vez que um dos motivos que apresentavam para a não participação no mesmo era o receio de represálias por parte dos vizinhos ou outros indivíduos mas, acima de tudo, o que apreendemos era o receio de partilha de histórias ou experiências sofridas.

Assumimos a presença de paradigmas conservadores quanto às ditas funções ou papéis que a mulher pode/deve desempenhar, mas, acima de tudo, devemos referir que apesar de considerarmos a existência de um processo de interiorização da exterioridade (Bourdieu, 1986), ao nível da absorção dos discursos e representações estigmatizadas desses segmentos populacionais em algumas dimensões analíticas, estas mulheres procuram romper com o passado e com estas posições de marginalidade social e urbana, no que concerne os seus filhos, começando pela quebra com o abandono escolar prematuro. Porém, não podemos deixar de salientar que a herança destes processos de exclusão e de estigmatização permanece pesada, e que se materializou em diversos níveis, sendo deveras importante captar a atenção de todas as formas possíveis para um *continuum* no que diz respeito a políticas públicas de intervenção urbana e social, tendo em vista a inclusão social,

a inclusão ilustra uma nova etapa assente na aceitação e valorização da diversidade [...] um processo através do qual a sociedade, nas suas mais diversas dimensões, se adapta de forma a poder incluir todos os indivíduos. (Guerra, 2012: 99).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ascher, François (1998). *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Beall, Jo (1996). *Urban governance: Why gender matters*. *Gender in development*. New York: United Nations Development Programme (UNDP).
- Bourdieu, Pierre (1986). *The forms of capital*. In I. Szeman & T. Kaposy (Eds.), *Cultural theory: An anthology*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell.
- Guerra, Paula (2002a). *A cidade na encruzilhada do urbano: Algumas modalidades de relação de um estudo de caso acerca do processo de recomposição espacial e social do tecido urbano portuense na década de 90* (Tese de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, Paula (2002b). *Cenários de insegurança*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, Paula (2012). Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática. *Revista Angolana de Sociologia*, (10), pp. 91-110.
- Guerra, Paula; Gelain, Gabriela & Moreira, Tânia (2017). Collants, Correntes e Batons: género e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil. *Lectora: revista de dones i textualitat*, (23), pp. 13-34.
- Levitas, Ruth (1998). *The inclusive Society: Social exclusion and new labour*. Londres: Macmillan
- Polanyi, Karl (1944). *The great transformation. The political and economic origins of our time*. Boston: Beacon Press.
- Sousa, Sofia (2018). *O Cerco é a minha casa! Apropriações e identidades face ao espaço habitado*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

Flor, Aline (2018) (Produtora). *Esmeralda, a “presidenta” que ajuda as mulheres do bairro a irem para a cama “de cabeça aliviada”* [Áudio Podcast]. Acedido em: <https://www.publico.pt/2018/01/11/local/noticia/esmeralda-a-presidenta-que-ajuda-as-mulheres-do-bairro-a-irem-para-a-cama-de-cabeca-aliviada-1798924>

**Sofia Sousa.** Mestre em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseira de Investigação do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: sofiaarsousa22@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3504-5394.

Receção: 21-03-2019

Aprovação: 02-06-2019

### Citação:

Sousa, Sofia (2019). Vozes do Cerco. Modos de apropriação, simbologias e identidades culturais face ao espaço habitado. Registo de Pesquisa. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 2(1), pp.122-134. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/ta2n1p1